



Editorial

Caro leitor, bem-vindo ao Newsletter de maior circulação no país, o boletim quinzenal que traz até si as grandes novidades que refletem o panorama energético e da mineração em Moçambique em forma de notícias exclusivas, reflexões construtivas visando sempre mante-lo a par dos principais acontecimentos no seio do sector da Energia e Indústria Extractiva.

Nesta edição, convidamos o leitor a navegar nos desafios da exploração do gás na bacia do Rovuma, especificamente na província nortenha de Cabo Delgado. Neste artigo o leitor ficará a par dos desafios que circundam o chamado “negócio do gás”.

Entre os dias 20 e 22 de Junho a Cidade Brasileira do Rio de Janeiro acolheu a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável denominada Rio+20, com objetivo da assegurar um comprometimento político renovado com o desenvolvimento sustentável, avaliar o progresso feito até o momento e as lacunas que ainda existem na implementação dos resultados dos principais encontros sobre desenvolvimento sustentável, além de abordar os novos desafios emergentes.

Enquanto isso, o país era, uma vez mais, invadido por anúncios de novas descobertas de carvão mineral na província de Tete e a imparável febre de descobertas do gás natural na Bacia do Rio Rovuma que coloca o país na lista dos 10 Países com maiores reservas no mundo. Daí a nossa ênfase no contínuo debate sobre o assunto.

Mais adiante, confira a grande entrevista com um dos mais renomados estudiosos da actualidade, o Professor Jenik Radon, que veio diretamente da Universidade de Columbia para facultar aos moçambicanos importantes lições sobre a exploração do gás, desde questões ligadas a negociação de contractos, exploração ao comércio deste precioso recurso de que o país abunda.

Boa Leitura!

DESAFIOS DA EXPLORAÇÃO DO GÁS EM MOÇAMBIQUE

O Negócio do Gás Natural na Bacia do Rovuma



Descobrir gás natural no século XXI difere muito de descobrir no século XX ou de tempos mais antigos.

Porque a descoberta e a exploração do gás nos meados do século passado era tão difícil, principalmente para os países do Terceiro do Mundo, assim como era tão difícil ser cristão nos dias que sucederam a morte de Jesus Cristo, caracterizado por perseguições, extermínios, excomunicação de todos aqueles que se manifestavam seguir a doutrina de Cristo ou proferissem o seu nome.

O século XX foi marcado significativamente por guerras em todo lado e por todo o canto do planeta, e os países

do Terceiro Mundo, da América Latina, Sul Ásia, África e até do Médio Oriente foram as principais vítimas. Em África a maior parte dos países lutavam para se libertarem da dominação colonial e os que já estavam independentes pouco depois dos anos 60, tinham poucas orientações, *know-how*, conhecimento de como fazer uma boa gestão política que atendesse às necessidades da população e em muitos casos já eram ou tornaram-se vítimas de neocolonialismo. Outros já estavam mergulhados em guerras civis alimentadas pelos recursos naturais. O resultado

Cont. pág. 2 ➔

PUB.

Posto de Abastecimento Gasotech, Maputo



Comercializamos produtos para os mais diversos segmentos, com qualidade e tecnologia reconhecida.

Estamos presentes no seu dia-a-dia, com produtos petrolíferos e seus derivados, que respondem às suas necessidades de mobilidade, conforto e eficiência. A nossa longa experiência garante a qualidade dos nossos produtos e serviços, que se enquadram nos mais elevados padrões de qualidade, segurança e respeito ambiental.





disso, foi a instituição de esquemas de corrupção sem precedentes que condicionou bastante e em certos casos ainda condiciona a exploração de recursos naturais.

Contudo, Moçambique tem a felicidade de descobrir gás no século XXI. Porque no século passado constituía um problema. Actualmente, já existem tecnologias de ponta antes inexistentes, *know-how*, conhecimento de boas práticas na gestão de recursos, alargamento de mercado, o aumento da preocupação com a degradação ambiental/uso de energias limpas e verdes, com a sustentabilidade e a predominância do paradigma do desenvolvimento sustentável (ECO 92 e RIO+20) e da boa-governança.

Significa felicidade não só por isso, mas por que acima de tudo trata-se de uma oportunidade invulgar e fundamental para financiar o muito desejado desenvolvimento do País e eliminar a dívida externa.

A mera descoberta de gás só muda o *status* de Moçambique e não da situação ou condições de vida dos moçambicanos. O País pertence a lista dos países com reservas expressivas do gás e constitui uma atracção mundial em termos de investimentos. Mas a mudança da situação dos moçambicanos será produto de exploração sustentável do gás, carvão e outros recursos resultantes da boa-governança e dos investimentos na educação, saúde, agricultura, na construção de infraestruturas e noutras potencialidades em Moçambique como o Turismo, Pescas, etc.

Ora, o gás é um recurso especial, por ser uma fonte de energia limpa e verde, isto é que menos polui o ambiente em relação ao carvão e petróleo, mas sobretudo porque a sua exploração comporta um carácter diferente. A exploração do gás em águas profundas como é o caso da Bacia do Rio Rovuma comporta enormes desafios, devido a complexidade inerente ao processo. Há 10 anos atrás era impraticável a exploração em águas profundas porque não havia conhecimento e nem tecnologia necessária para tal exercício. Por tanto, existe desafio tecnológico, risco comercial, impactos socioeconómico, regulatório e político.

Nesta reflexão importa abordar o risco comercial que suscita e apela para o desafio comercial inerente a exploração do gás natural.

O preço do gás estar a cair no mercado internacional, para além de ser baixo em relação ao petróleo enquanto a sua ex-

tração em águas profundas, transporte e a transformação implica custos bastante elevados.

O negócio ou comércio do gás natural ocorre de forma diferente de outros recursos como o petróleo, carvão, diamante, cobre, entre outros. Ao contrário do que ocorre com a maioria dos combustíveis fósseis como carvão e petróleo, facilmente armazenáveis, o investimento em gás natural depende da negociação prévia de contratos de fornecimento de longo prazo entre o produtor e o consumidor. Essas características técnico-económicas configuram um modo de organização no qual a prestação de serviço depende, previamente, da implantação de redes de transporte e de distribuição, bem como na

implantação de um sistema de coordenação dos fluxos, visando o ajuste da oferta e procura, sem colocar em risco a confiabilidade do sistema.

Deste modo, significa que o negócio ou comércio de gás em Moçambique vai depender de contratos de longo prazo presentes para a sua posterior exploração (a transformação do gás em líquido ou a colocação de gasoduto depende da localização do cliente ou comprador). Isso implica responsabilidades acrescidas, capacidades de negociação aturada e capacidade de antever o futuro ou cenários por parte do Governo antes de negociar os contratos, de forma que não se comprometa o futuro das gerações que está nas mãos dos políticos e da boa-governança.

PORTUGAL

Reservas de ouro valem 16.300 milhões e estão entre as maiores do mundo

As reservas de ouro do Banco de Portugal (BdP) ascendem a 382,5 toneladas, e valem actualmente 16.300 milhões de euros, o equivalente a 7,5% da dívida pública.

Segundo números do World Gold Council (WGC, organização internacional de empresas do sector do ouro), com base em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), as reservas de ouro de Portugal são actualmente as décimas-quartas maiores do mundo.

As maiores reservas mundiais de ouro são as dos Estados Unidos (8.134 toneladas), seguidas das da Alemanha (3.396 toneladas). A lista do WGC inclui as reservas do FMI e do Banco Central Europeu, o que significa que, em todo o mundo, só 11 estados têm mais ouro que Portugal.

Ainda segundo o WGC, é em Portugal que o ouro tem mais peso no total das reservas monetárias: 91,5 por cento. Na generalidade dos outros países, a grande maioria das reservas é constituída por divisas estrangeiras.

Na lista do WGC, só há mais um país em que as reservas de ouro constituem mais de 80 por cento das reservas monetárias: a Grécia (83,3 por cento).

De acordo com os números mais recentes do BdP, para Fevereiro, as 382,5 toneladas de ouro equivalem a 16.300 milhões de euros. Este valor tem subido

muito rapidamente graças à apreciação da cotação do ouro (cujo preço nos mercados internacionais quintuplicou na última década).

Os acordos internacionais subscritos pelo BdP limitam a quantidade de ouro que o Banco pode vender por ano, e há outras limitações legais que impedem o recurso às reservas para pagar défices orçamentais.

Contudo, se o ouro pudesse ser usado directamente no financiamento do Estado, teria um impacto relativamente reduzido. Mesmo à cotação muito elevada que se regista actualmente para o ouro, as reservas do BdP valem apenas 7,5 por cento da dívida das administrações públicas (que, segundo números de Janeiro, ascende a 218 mil milhões de euros).

Recorrendo a outras comparações, as reservas de ouro valem pouco mais de um quinto do programa de assistência financeira acordado com a 'troika' (78 mil milhões de euros). O valor das reservas é também pouco mais do que o Governo tenciona gastar este ano em despesas com pessoal da Administração Pública (15.310 milhões de euros). *Energia Moçambique in Jornal de Negócios* ■

Especial Rio+20: Ban Ki-Moon diz que documento final é “ambicioso”

Depois da reunião de quarta-feira, o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, voltou atrás na sua palavra e disse que o documento final da Rio+20, é “ambicioso”, além de “amplo e prático”.

Segundo Ban Ki-Moon, a visão da diplomacia estrangeira mudou e os brasileiros conseguiram fechar um texto “em dois ou três dias”, sendo que o mesmo texto já era debatido pelos outros países participantes da Rio+20, há seis meses. “O texto final é um grande sucesso para a comunidade internacional”, disse o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon.

Apontado como “pouco ambicioso” por alguns Estados - entre eles a União Europeia - começa a ser avançado que o documento poderá sofrer alterações nas reuniões dos líderes mundiais.

Ban Ki-moon não deixou claro se haverá uma intervenção de fundo no texto, mas colocou nos líderes a responsabilidade de dar o “tom político”



do compromisso, e recordou que lhes cabe, a partir de agora, a real implementação das ideias lançadas pela declaração.

“O desenvolvimento sustentável é um conceito que veio para ficar. O texto é apenas um catalisador desse momento de mudança. Agora temos um roteiro, é preciso segui-lo”, defendeu o secretário-geral da ONU.

“O mais importante é que as essas recomendações sejam implementadas sem atraso, porque a natureza não negocia. O documento não é o fim, mas o início”, reforçou.

ONGS CONTRA RESULTADO DA CÚPULA...

Severn Suzuki voltou a discursar no RioCentro. Vinte anos depois de ter calado os líderes mundiais na Eco-92, a menina canadense, hoje uma mãe de 32 anos, engrossou as críticas feitas por ambientalistas ao texto produzido pela conferência, “O Futuro que Queremos”. Suzuki é uma das personalidades que assinaram ontem uma carta declarando que não endossam o texto da conferência do Rio. Será entregue hoje ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon.

“Essa declaração, a menos que tenhamos nela uma reintegração da democracia, será prova de um colapso na governação mundial”, declarou Suzuki na reunião onde a carta “A Rio +20 que Nós Não Queremos” foi apresentada.

ONGs, sindicatos, cientistas e ex-chefes de Estado pressionam os atuais líderes mundiais a fazer mudanças no texto ou, pelo menos, a se comprometerem com um plano ambicioso de implementação da Rio+20.

O rascunho da declaração “O Futuro Que Queremos” foi aprovado pelos representantes diplomáticos dos 193 países da ONU e será apresentado aos Chefes de Estado e de governo presentes na cimeira da Rio+20. (NN - Margarida Putti)

ENERGIA ALTERNATIVA

Vale vai investir em parques eólicos

A Vale vai entrar no negócio de energia eólica. A mineradora e a elétrica australiana Pacific Hydro formaram uma joint-venture para construir e operar dois parques eólicos no Rio Grande do Norte, Brasil. Com um investimento orçado em cerca de R\$ 650 milhões, os projectos terão capacidade instalada total de aproximadamente 140 megawatts (MW).

O acordo já acertado, foi assinado no Rio de Janeiro, em cerimônia que contou com a presença do ministro brasileiro de Minas e Energia, Edison Lobão; a primeira ministra da Austrália, Julia Gillard; o presidente da Vale, Murilo Ferreira; e o principal executivo mundial da Pacific Hydro, Rob Grant.

Os projectos já possuem licença ambiental de instalação e estão previstos para entrar em operação em 2014. As duas empresas estão a negociar no momento a compra dos equipamentos no mercado. Por esse motivo, a potência exacta dos

projectos ainda será definida, de acordo com o modelo dos aerogeradores que forem comprados. Pelo acordo firmado, cada empresa terá 50% do negócio.

Mas a energia será integralmente consumida pela Vale durante 20 anos. O contrato de longo prazo assinado entre as partes dará as condições necessárias para obterem o financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (BNDES). A expectativa é que a instituição financie até 70% do valor total dos parques. Fonte: Valor, Empresas - Rodrigo Polito

Moçambique e a avalanche de descobertas no Rovuma

Depósitos de gás natural de grandes dimensões continuam a ser descobertos em Moçambique, cativando ainda mais as atenções internacionais para o sector energético do país e em particular para a bacia do Rovuma, afirma a Economist Intelligence Unit (EIU).



“Observadores da indústria têm descrito o ritmo e tamanho das descobertas na zona [da bacia do Rovuma] como das maiores e mais significativas dos anos mais recentes”, afirma a EIU no seu mais recente relatório sobre a economia moçambicana.

Na “prolífica” bacia da província de Cabo Delgado (norte), as mais recentes descobertas foram feitas pela Anadarko Petroleum e pela italiana ENI.

Enquanto a Anadarko anunciou a 15 de Maio a descoberta de mais

20 biliões de pés cúbicos de gás, aumentando em 67% cento a sua estimativa de reservas existentes na zona, a ENI quase em simultâneo identificou reservas de 40 biliões de pés cúbicos.

Em parte devido à crescente atenção sobre o gás do Rovuma, o controlo da irlandesa Cove Energy, um dos parceiros da Anadarko no campo gasífero em causa, está a ser activamente disputado entre a Royal Dutch Shell e o grupo estatal tailandês PTT.

A Shell ofereceu 1,7 mil milhões de dólares pela Cove, menos 200 milhões do que a PTT, mas poderá ainda subir a sua oferta, dado que está a tentar reforçar a sua presença no emergente sector energético da África Oriental, escreve a EIU.

Um dos gigantes da indústria, a Shell está também “interessada em comprar à ENI outros activos de exploração em Moçambique”, adianta.

Da “guerra” pela Cove deverá beneficiar também o Estado moçambicano, que recentemente fixou um imposto sobre ganhos de capital, num esforço para taxar operações de fusões e aquisições.

A afirmação de Moçambique como novo produtor energético de dimensão global envolve um investimento de perto de 68 mil milhões de dólares, mais de cinco vezes o PIB do país em 2011.

Um investimento de 18 mil milhões de dólares, que seria o maior na história do país, está a ser planeado pela petrolífera norte-americana Anadarko Petroleum numa unidade de processamento e exportação de gás natural.

Outras grandes empresas internacionais como a Petronas, da Malásia, e a Sasol, da África do Sul, estão também envolvidos no desenvolvimento da indústria de gás natural no país.

Segundo a EIU, o bom momento económico moçambicano está a reflectir-se na atividade do maior porto do país, em Maputo, que viu o tráfego aumentar 30% no ano passado, prevenindo-se que atinja 14 milhões de toneladas ainda neste ano.

O volume deverá ascender a 40 milhões de toneladas nos próximos seis anos, na sequência de um projecto de expansão em curso avaliado em 1,7 mil milhões de dólares.

As previsões da EIU para o crescimento económico de Moçambique apontam para 8% em 2012 e 8,5% em 2013, abrandando a partir daí para 8,0% em 2014 e 7,8% em 2015. (fonte: macauh) ■

PUB.

Você pode partilhar e ler todas as matérias do Energia Moçambique em tempo real no Facebook.

A Energia Moçambique também está no Twitter. Caso prefira, você pode ainda optar por enviar o seu pedido de Newsletter para o energiamoz@status.co.mz ou status@status.co.mz.

ACESSE A NOSSA PÁGINA E DÊ SUA OPINIÃO EM:
<http://www.energiamoz.co.mz>

Captada nas Profundezas do Monte Malianine NAMACHA.

Oferecida à Humanidade pela natureza.

Rica em sais filtrados lentamente nas entradas das rochas.

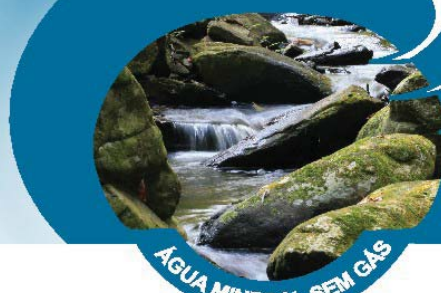
Bom complemento nutricional.

Engarrafada na origem por: MULOSA, Lda
Tel/Fax: 21 309 314
Cell: 84 303 8140
Malianine
NAMACHA
MOÇAMBIQUE

Preservar da Luz:
do Calor e de
Odores Fortes

A Fonte da Vida

PINGO DO MONTE®



ÁGUA MINERAL SEM GÁS

CONTEÚDO MINERAL:

Ph.....	7.35
Cálcio.....	2.40
Magnésio.....	2.44
Ferro.....	0.29
Sódio.....	50.00
Potássio.....	4.29
Bicarbonatos.....	73.81
Amónio.....	0.04
Nitrato.....	3.72
Clorato.....	38.60



500ml

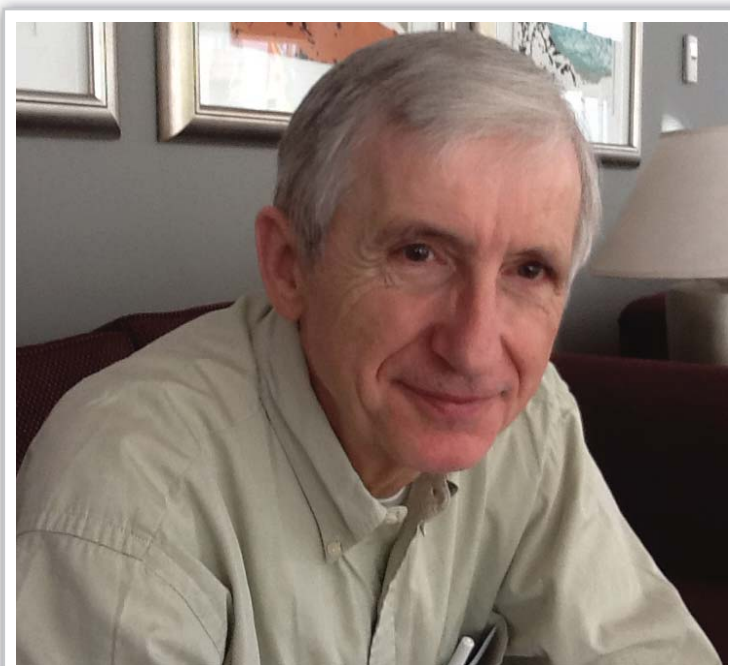
Grande Entrevista com Jenik Radon

Jenik Radon, é Professor Adjunto da Universidade de Columbia, Escola de Assuntos Públicos e Internacionais, e Tecnologia de Monterrey, e também de Direito Internacional, designadamente em matéria de representação do setor público no desenvolvimento da indústria extractiva. Radon também atuou como professor na Universidade de Stanford. Jenik serviu no Pacto Global da ONU designado Academic Initiative Taskforce. Actualmente, o Prof. Radon aconselha as autoridades públicas e a sociedade civil em diversos países em desenvolvimento, incluindo Uganda, Afeganistão, Camboja e Nepal. E vai aconselhar Moçambique em questões energia e indústria extractiva por meio desta rica entrevista com um dos mais renomados intelectuais da actualidade.

confiadas, mas também obrigações comerciais, devendo agir para desenvolver esses recursos, mais ao mesmo agir como um regulador dos mesmos. Isto soa como um conflito, e tecnicamente é um conflito mas funciona com muita responsabilidade. O desafio do governo é de, a curto ou longo prazo, pegar nos activos permanentes (a riqueza do subsolo) transforma-lo em activos produtivos, porque se isto for mal gerido, se não for seguro, não irá ajudar o Moçambique do amanhã.

Energia Moçambique: O que dizer da Sociedade Civil?

JR: A Sociedade Civil no meu ponto de vista tem várias funções, tem o direito de saber como os recursos estão usados para o seu benefício, direito a conhecer e a ter acesso a informação. A sociedade civil são os olhos e os ouvidos do estado e do governo porque, em situações em que as companhias fazem o mau uso dos recursos ao ponto de prejudicar o ambiente ou a saúde da população a sociedade civil passa a ser o olho e o ouvido do Estado porque esta encontra-se espalhada em todo lugar, a população compõe a sociedade civil, e esta deve ser o suporte do Estado para assegurar que as companhias cumpre com a lei, e eles devem contribuir com os seus próprios pen-



bons. Portanto o destino do mercado do gás natural continua sendo um ponto de interrogação, mas uma coisa é certa os preços do gás estão a baixar.

Energia Moçambique: Qual será o papel do Governo moçambicano no contexto da exploração

Energia Moçambique: Como descreve o mercado do gás natural?

Jenik Radon: O mercado do gás natural, hoje em dia, vai de um período de incertezas e turbulência, mas há algo positivo nisto que é o facto de os preços estarem a baixar, o que é claro negativo para países que tem este hidrocarboneto porque tem havido muitas descobertas de reservas de gás em várias partes do mundo. Nos EUA, tanto é que este país poderá provavelmente vir a tornar-se um exportador de gás natural num futuro próximo. Há descobertas de gás em Moçambique, Turquemenistão, Afeganistão porque os prognósticos são

dos recursos naturais de quem o país dispõe em meio ao apetite das grandes multinacionais?

JR: Primeiro há que afirmar que os recursos naturais num país como Moçambique pertencem ao Estado, ao povo moçambicano, não pertencem a nenhum individuo, conseqüentemente devem ser administrados da mesma maneira que você gere algo que pertence não a si mas a todos. Portanto o governo tem a grande responsabilidade que lhe confiada de desenvolver esses recursos para o benefício de todos. Mas, ao mesmo tempo, o governo deverá comporta-se como um negociante que tem as obrigações que lhe foram



Ficha Técnica

Concepção Maquetização e Produção
STATUS-Consultores de Comunicação

DISP. REG. Nº 5 GABINFO/DEC/2008

Morada: Av. 25 de Setembro, nº 1123
Prédio Cardoso
Telef.: +258 21 32 71 16/ 17
Fax: +258 21 32 71 17
Director: Inguila Sevene
Editor: Aunorio Simbine
Colaboradores: Nelson Charifo e Alexandre Dundo
Maquetizador: Luís Filipe Tembe
Email: status.energiamoz@status.co.mz
Website: www.energiamocambique.co.mz
www.status.co.mz



samentos porque não há nenhum génio no mundo que saiba fazer tudo por si só, daí muitas vozes devem ser ouvidas para que cada recurso possa ser usado para o bem-estar de todos.

Energia Moçambique: E a *Media*, qual é o papel das organizações Mediáticas neste contexto?

JR: A *Media* é o que em latim chamamos de sine qua non, ou seja, sem a *Media* não temos nada. O papel da *Media* é de fornecer a informação por meio da comunicação, a ponte, a abertura, é o meio pelo qual levamos as preocupações do povo porque explica que está a acontecer. A *media* assegura-nos que as autoridades governamentais tenham

notícias, se olhares para o petróleo e o gás natural pode-se dizer que não possuem, relativamente, nenhum perigo para o ambiente, claro que se as coisas saírem mal será mau para o ambiente, no caso do petróleo pode poluir as águas e o solo. O gás natural também, embora seja uma bênção da natureza porque não afecta o ambiente localmente, mas se algo correr mal pode seguir ao ar e causar alterações climáticas, principalmente se for em grandes quantidades. No entanto, os riscos destes dois são de menos, porque hoje em dia temos tecnologias altamente qualificadas para lidar com desastres deste calibre. E no caso do carvão que encontra-se no subsolo e precisa ser extraído, infelizmente há más notícias, ainda não existe tecnologia capaz de fazê-lo com a



um meio de expressar positivamente as suas acções, porque um funcionário do governo está lá por causa do povo daí que deve comunicar com o povo que o elegeram, e é a *media*, a *media* independente que faz as questões e apresenta-nos em formato de informação. Por isso a meu ver, a *Media* é indispensável para a sociedade.

Energia Moçambique: Foram descobertas imensos jazigos de carvão de variados tipos no centro do país, especificamente em Tete, no distrito de Moatize, quais serão as consequências da exploração desse recurso naquela parte do país.

JR: Deixe-me primeiro dar-te as más

necessária perfeição. Em vários países produtores de carvão, a poeira resultante desta operação contamina o ar que respiramos, contamina o mar, e a produção deste recurso pode ter consequências graves e negativas, não a curto, mas sim a longo prazo, para a saúde e para o ambiente. Daí duas coisas são necessárias, a meu ver, primeiro há que assegurar que as companhias estão a usar os melhores e os mais altos padrões mundiais nas suas operações.

Continua na próxima edição impressa da revista Energia & Indústria Extractiva Moçambique...

BREVES

Moçambique: Shell volta a prolongar prazo para a aceitação da oferta pela irlandesa a Cove Energy

O grupo Royal Dutch Shell prolongou pela terceira vez em cinco semanas o prazo para a aceitação da oferta de 1,1 mil milhões de libras (1,7 mil milhões de dólares) pela irlandesa Cove Energy, cujos accionistas terão até 11 de Julho para tomar uma decisão, informou o grupo em comunicado.

A Cove Energy, cujo principal activo é uma participação de 8,5% num bloco petrolífero na bacia do Rovuma, em Moçambique, onde foram desco-



bertos depósitos de gás natural de grande dimensão, está a ser disputada pelos grupos Royal Dutch Shell, que apresentou a primeira oferta, e pelo grupo estatal PTT Exploration & Production da Tailândia. ■

Cientistas descobrem novo mineral em meteorito

Em 1969 uma bola de fogo explodiu no céu do México e espalhou milhares de pedaços de meteorito no estado de Chihuahua. Mais de 40 anos depois, o meteorito Allende ainda é uma rica fonte de informação sobre o início da evolução do Sistema Solar.

Recentemente, cientistas do Instituto de Tecnologia California (Caltech) descobriram nele um novo mineral que acredita-se estar entre os mais antigos formados no Sistema Solar. ■

O futuro exige um modelo de desenvolvimento sustentável

Todos parecem saber o que vai acontecer se nada mudar. Mas será que alguém se interessa pelo caminho certo?

Um dos nossos principais erros foi termos crescido muito. Em 2050 iremos ser 9 mil milhões e precisar de muito mais recursos. Ou seja, vamos consumir mais, até porque cada ser humano tem a ambição de uma vida melhor e, com a emergência de países como Brasil, China e Índia, para além das previstas para a África do Sul e Indonésia, haverá mais gente com mais dinheiro e vontade de ter mais conforto em casa, e usufruir desde o simples frigorífico ao computador portátil.

Mais energia será necessária, até porque essas pessoas irão querer deslocar-se mais rápido para os locais de trabalho. E precisarão de carro para isso, até porque quem viaja pelo mundo verifica que as soluções de transporte colectivo ainda estão muito longe de serem as ideais, principalmente nas grandes metrópoles.

Para resolver o caminho já soluções apontadas. Mas ainda não há uma resolução que envolva indivíduos, governos, empresas e outras organizações, para que os próximos passos sejam dados a pensar na sustentabilidade do planeta e na sua viabilidade para o futuro. Pelo menos uma que tenha sido realmente efectiva. Será que a Cimeira do Rio+20 vai mudar alguma coisa? Temos de ser

positivos e esperar que sim, até porque é absolutamente necessário que isso aconteça.

Com temperaturas muito mais elevadas, alterações do clima, menor disponibilidade de água potável e uma biodiversidade a decrescer, o nosso futuro não é muito agradável.

As respostas para as mudanças climáticas devem-se concentrar cada vez mais na redução da emissão de gases com efeito de estufa, para evitar principalmente a ocorrência de efeitos que não poderemos gerir. Também na melhor gestão possível dos impactos actuais.



O futuro passará por cada um de nós diminuir a sua pegada ecológica. É preciso, por isso, estarmos cada vez mais atentos no nosso dia-a-dia. Pequenos gestos como o fechar a água do duche para ensaboar, desligar as luzes, ou escolher eletrodomésticos energeticamente mais eficientes, contribuem para isso, tal como o poderá fazer a melhoria dos serviços prestados pelos estados e empresas, alguns deles pouco eficientes e de custo demasiado elevado. Basta lembrar que 40% da água tratada se perde, em Moçambique, na rede de

abastecimento até chegar aos locais de consumo.

Mas também é necessária a transição para o consumo de energias mais limpas, um melhor uso e melhor gestão da água, a redução de perdas na sua distribuição, e muito maior atenção para a biodiversidade.

Sem ela e tudo o que oferece e ainda pode proporcionar, a humanidade corre o risco de perder a corrida. A gestão dos ecossistemas terrestres é, assim, cada vez mais necessária. São pólos de adaptação em relação às alterações climáticas e mitigadoras de carbono. Talvez por isso, a publicação Stern Review on the Economics of Climate Change recomende que os governos desenvolvam políticas para proteger as florestas e restantes espaços naturais, que contribuem para a regulação do ciclo da água, a protecção de solos e zonas costeiras contra a erosão e os seres humanos com desastres naturais.

As áreas da Natureza protegidas do planeta armazenam actualmente 15% do carbono terrestre, fornecem serviços dos ecossistemas, incluindo o contributo para o nosso bem-estar e para a retenção no solo e subsolo da água necessária para a vida.

O aumento de investimentos realizados através de parcerias entre governos, comunidades, organização não-governamentais e empresas, pode assegurar uma maior protecção dos serviços essenciais prestados pelas áreas protegidas, até porque resultam. Um relatório recente do Banco Mundial mostra a forma como as áreas tropicais protegidas, especialmente as que são conservadas pelos indígenas, perdem menos floresta do que outros sistemas.

Mas estes benefícios para o clima, biodiversidade e sociedade são muitas vezes esquecidos ou ignorados. À medida que entramos numa fase sem precedentes das negociações sobre o clima e a biodiversidade, é importante não esquecer o papel das áreas protegidas. *Por: José Miguel Dentinho*

Reservas de gás descobertas em Moçambique podem ser “decisivas” para o crescimento económico do país

Com regulamentação adequada, as imensas reservas de petróleo e gás podem transformar o posicionamento da economia moçambicana na região austral e, a longo prazo, aliviar a pobreza e transformar Moçambique num país de renda média, assim diz Jenik Radon, professor da Escola Assuntos Internacionais e Públicos da Universidade de Columbia, EUA.

No entanto, segundo Radon, para garantir que o país não perca esta “janela de oportunidade”, vai precisar de leis de exploração eficazes, funcionários formados e vontade política.

Segundo Radon, o actual ambiente regulatório do país no tocante a indústria extractiva está a falhar em certos aspectos, e o projecto de lei não é suficiente.

Questionado se a questão da regulamentação adequada não iria desacelerar o ritmo de crescimento da indústria extractiva, Radon replicou: “tempo é dinheiro, mas acertar também é importante”.

Capacitação: Apesar de ter havido uma dilacerada pressão sobre o país para que este agisse rápido já que a queda dos preços e dos negócios poderia exercer uma pressão sobre o governo, estudioso norte-americano afirmou que as pressões do tempo são profundas, mas o país precisa munir-se de pessoal formado o mais rápido possível. “O país precisa contratar um exército de profissionais”, explicou.

E para evitar a perda de funcionários do governo para as multinacionais, o governo terá de garantir que os funcionários recebam uma remuneração competitiva de modo a manter “o melhor e mais brilhante desempenho”.

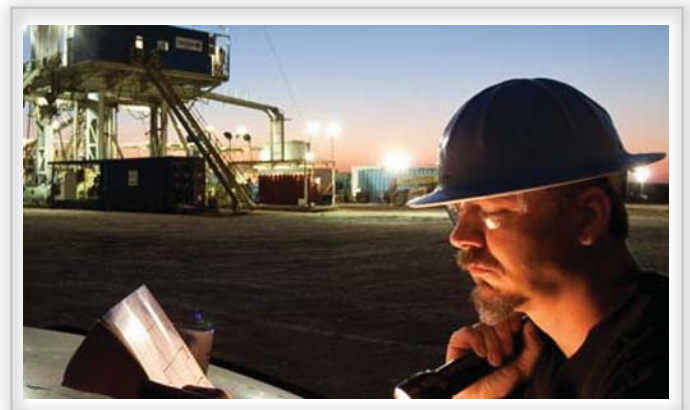
Nestes casos, Radon disse que certos países africanos com os quais trabalhou optariam por não formar os seus funcionários pelo simples medo de que esses fossem contractados pelo sector privado que, por sua vez, viesse a pagar dez vezes mais do que o governo.

Exemplos: Aos olhos do professor da Universidade de Columbia, o país africano que considera ser um bom exemplo a ter em conta em questões de “vontade política” de ter todas as finanças legalizadas é o Gana, “lá as pessoas se comportam como verdadeiros profissionais e querem fazer as coisas da forma mais acertada”. O Afeganistão também foi um sucesso já que o país acreditou firmemente na necessidade da transparência

na indústria extractiva, nas políticas e nas leis, e acabou, ironicamente, por se tornar um modelo para o mundo.

Radon também mostrou-se optimista quanto a possibilidade de Moçambique vir a “acertar”, mas alertou para o défice de pessoal especializado no sector e disse ainda que, a criação de leis e instituições políticas competentes é o alicerce crítico indispensável para que o país possa tirar o máximo proveito das suas grandes reservas.

Legislação: O projecto de lei de petróleo e gás actual-



mente existente no país possui menos de 20 páginas, o que não é suficiente para dar a devida clareza sobre as questões ligadas ao sector, sendo que o papel do governo é de regular a indústria, mas a indústria extractiva é também um negócio daí que os interesses devem ser equilibrados com a máxima cautela.

O outro problema, porém, é que as multinacionais estão melhor equipadas em termos de pessoal formado em relação ao governo, e este último terá que lidar adequadamente com as pressões do primeiro agora, para que as empresas não passem a mandar em tudo no futuro.

Radon falou sobre a necessidade da implementação de uma “responsabilidade objectiva” em termos de licenças ambientais e sanitárias, a devida contabilização dos direitos dos proprietários para evitar-se possíveis distúrbios sociais num futuro próximo como aconteceu em outros países.

“Porque a mudança não acontece da noite para o dia,” disse Radon, para depois acrescentar que, “a coisa mais difícil na busca do desenvolvimento está em gerir as expectativas. E neste caso específico, a comunicação e a transparência com os cidadãos passa a ser um elemento crítico”. ■

Qual é o lugar de Moçambique no debate sobre a eficiência Energética no Século XXI?

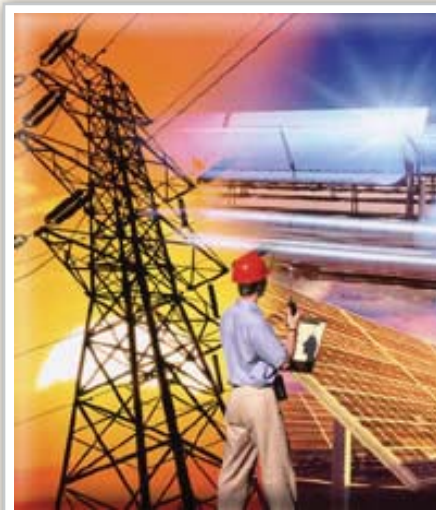
O século XXI está sendo marcado pelo debate cada vez mais acirrado sobre a eficiência na exploração e na utilização dos recursos energéticos. Há correntes que aludem que o começo do século XXI coincide necessariamente com a revolução energética. Mas será que para países em desenvolvimento como Moçambique os modelos de eficiência e revolução energética propaladas pelo mudo a fora irão chegar neste século? Que medidas devem ser tomadas com vista a acompanhar esse “comboio” rumo a eficiência energética?

Para qualquer resposta a estas questões é importante que se considere que a eficiência energética é acima de tudo uma questão de desenvolvimento e de sustentabilidade. Moçambique tem disponibilidade considerável de recursos energéticos. Por ser um país tropical dispõe de fontes limpas como a luz solar que pode gerar energia solar, o vento que pode gerar a energia eólica e por ser um país banhado pelo oceano Índico tem o mar que pode gerar energia a partir do aproveitamento de marés, e também, pelo seu potencial hídrico, pode produzir energia a partir de barragens. Por outro lado, em termos de fontes minerais, dispõe de importantes reservas do gás natural que é a fonte de energia fóssil mais limpa, e em contrapartida uma das maiores reservas de carvão mineral que é a energia fóssil mais suja.

Apesar de ter esta enorme diversidade de fontes de energia, o país vive um dilema que se situa entre a incapacidade de maximizar as fontes limpas pelo alto custo que estas pressupõem em termos de capacidade técnica e tecnológica para a sua instalação e a necessidade que o país tem de alcançar o desenvolvimento económico, que parece ter a sua base não na exploração e utilização das fontes de energia limpa mas sim nos combustíveis fósseis como o carvão mineral e o gás natural, que são os recursos que apresentam atualmente maiores índices de investimentos para a sua exploração.

A questão é que a abordagem sobre a

eficiência energética pressupõe infalivelmente um grande avanço tecnológico e económico, o que, pelo menos, tendo em conta os indicadores actuais de desenvolvimento, só os países ricos podem dispor, e pela estrutura económica de Moçambique, pelo menos neste século, parece estar muito longe de alcançar o referido avanço económico e tecnológico abrindo assim o debate se países em desenvolvimento como Moçambique podem referir-se à eficiência energética pelo menos nos termos em que se referem os países mais avançados economicamente. A questão é que o crescimento dos países hoje desenvolvidos foi impulsionado pela alta exploração e utilização das fontes de energia fósseis como o carvão tida como a força motriz da Revolução Industrial no século XVIII e mais posteriormente, no século



XIX em diante, o petróleo tido como o responsável do desenvolvimento da economia capitalista.

Ignacy Sachs (2007) ao referir-se sobre a Revolução Energética do Século XXI sugere que a comunidade internacional deverá promover com máxima urgência uma política voluntarista e rigorosa de redução do consumo das energias fósseis, maximizando a energia renovável, ora, esta redução, reforça Sachs, deverá ser feita independentemente dos custos económicos, o que mostra que esta mudança implica capacidades económicas, e mais essencialmente disponibilidade económica. Mas o que pode significar a redução da exploração das energias fósseis para Moçambique, um país que se prevê, como foi referido acima, ter a sua base de desenvolvimento assente justamente na exploração dessas energias fósseis, não seria amputar as ambições “desenvolvimentistas” desse país? Porque não ajustar o debate sobre a eficiência energética a realidade de países como Moçambique?

Entretanto, não podem ser ignoradas as vantagens ambientais de uma economia virada essencialmente na exploração de energias limpas, a sustentabilidade ambiental deve prevalecer. Mas é importante que se encontre um equilíbrio para que não se force a um caminho pelo qual alguns países poderão enveredar sem um conhecimento profundo sobre as vantagens ou desvantagens ou sobre os reais ganhos ou perdas, Moçambique deve encontrar respostas urgentes para responder as principais preocupações sobre a eficiência energética no século XXI. ■



CARVÃO

É todo o material carbonáceo encontrado em qualquer combinação em rocha-mãe ou como produto mineiro.

CARVÃO METALÚRGICO OU CARVÃO DE COQUE

São todas variedades de carvão betuminoso convertíveis em coque para utilização no processo de fabrico de aço.

OPERAÇÕES DE CARVÃO

São todas operações de prospecção e pesquisa, desenvolvimento, operações de mineração, as operações de processamento, transporte, exportação, manuseamento, comercialização, disposição e venda de carvão, minerais associados e subprodutos, recuperação e encerramento, entras actividades necessárias.

OPERAÇÕES DE PROSPECÇÃO E PESQUISA

São todas as actividades de procura, identificação, e avaliação dos depósitos de recursos minerais por meio de diversos métodos de pesquisa relacionados com a estrutura geológica superficial e subterrânea, escavação, perfuração e sondagem, análises das propriedades físicas e químicas dos recursos minerais e exame da viabilidade ambiental e económica do desenvolvimento e exploração de um recurso.

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL

É um estudo levado a cabo nos termos definidos no regulamento ambiental para actividade mineira, aprovado pelo Decreto n.26/2004, de 20 de Agosto e no Regulamento sobre o Processo de Avaliação do Impacto Ambiental aprovado pelo Decreto n 45/2005, de 29 de Setembro.

INICIATIVA DE TRANSPARÊNCIA NAS INDUSTRIAS EXTRATIVAS (ITIE)

A Iniciativa de Transparência nas Industrias Extrativas (ITIE) é uma coalizão de governos, empresas, grupos da sociedade civil, investidores e organizações internacionais que exigem das companhias dedicadas à exploração



e produção de petróleo, gás e de mineração que publiquem o que pagam e que os governos divulguem o que recebem.

A ITIE se concentra nos pagamentos feitos aos governos para produção de petróleo, gás e minerais (veja www.eitransparency.org).

A iniciativa ITIE++ examina toda a cadeia de fornecimento, desde a concessão de licenças e contratos até a regulamentação e o monitoramento das operações, a gestão e alocação de receitas, e a implementação de políticas de desenvolvimento sustentável. (Mayorga Alba, 2009).





Coal Mozambique 2012

First time attending Coal Mozambique? Book and pay before 30 July 2012 and save up to USD 300!

In partnership with:



Unlocking the value and shaping the future of Mozambique's coal industry

17 – 19 September 2012 • Hotel Avenida, Maputo, Mozambique

Your expert leader panel includes insight from:

- **Hon Dr. Esperança Bias**, Minister, Ministry of Mineral Resources
- **Hon Paulo Zucula**, Minister, Ministry of Transportation and Communications
- **Hon Aiuba Cuereneia**, Minister, Ministry of Planning and Development
- **Samuel Buomar**, Permanent Secretary, Government of Tete
- **Dr. Manuel Sithole**, Provincial Director: Mineral Resources & Energy, Government of Tete
- **Ricardo Saad**, Chief Executive Officer, Vale Mozambique Lda
- **Eric Finlayson**, Chief Executive Officer, Rio Tinto Coal Mozambique
- **Antonio Manhiça**, Chief Executive Officer, Empresa Moçambicana de Exploração Mineira SA
- **Casimiro Francisco**, Chairman, AMDCM (Mozambican Coal Development Association)
- **Eduardo Alexandre**, National Director of Mines, Ministry of Mineral Resources
- **Michel Thysbaert**, Chairman, Cobramar Group of Companies
- **Doctor Lin Tu**, Executive Director, Clean Coal Technologies, South Africa
- **Pascoal Bacela**, National Director, Ministry of Energy
- **Carlos Fernandez Alvarez**, Senior Analyst: Gas, Coal and Power, International Energy Agency
- **Ben James**, Managing Director, Baobab Resources plc
- **Cedric Lemarie**, General Manager: Energy, Vale Mozambique Lda
- **Captain T.V Nargundkar**, Head of International Business Development, ESSAR Ports
- **Stephan Morais**, Board Member and Deputy Chief Executive Officer, Banco Nacional de Investimento
- **Marcelina Joel**, Chief Legal Advisor, Ministry of Mineral Resources
- **Vanderlei Marques**, GM: Logistics, Vale Mozambique, Lda
- **Samuel Levy**, Senior Partner, SAL & Caldeira Advogados, Lda
- **Nozomu Sasaki**, General Manager: Mozambique, Mitsubishi Corporation
- **Partha Sengupta**, Vice President: Raw Materials, Tata Steel
- **Manoj Gupta**, Country Head, JSPL Mozambique Minerai, Lda
- **Rosario Muateka**, President and Chairman, CFM
- **Louren Sambo**, Director General, Centro de promocao de Investimentos (CPI)
- **Ajit Singh**, Associate Vice President, Asian Oil Services

Why you should attend

- Gain first hand insight into projects from Mozambique's major producers
- Key developments and innovations into coal infrastructure – Rail, ports and alternative strategies for transporting coal
- Infrastructure financing
- The outlook for regional coal prices – how are demand and supply trends evolving? Where are prices headed?
- Regulatory considerations – strategies for navigating policy and increasing productivity

Bigger conference. Don't miss out on this leading coal event changing the face of Mozambique's coal industry!

NEW! 3 Ministerial keynote addresses

NEW! Join us for a networking cocktail reception

PLUS! Don't miss our interactive masterclass - The new mining law – A legal framework to doing business in Mozambique on the the 19 September 2012

Plus! Don't miss the evening masterclass on the 17 September - Macro economic growth in Mozambique and how coal impacts business designed for investors, lawyers, Central bank, commercial banks, Government and mine stakeholders on what mitigating measures need to be implemented to avoid negative impact and how to attract local and international financing.

Coal Mozambique 2012 ... If you are involved in current or upcoming coal projects in Mozambique , there is nowhere more important for you to be

1. **Strategic insight into the latest project updates** – gain exclusive insights into projects from major producers
2. **Latest regulatory and policy updates** – new mining law, resettlement strategy, recent developments in the mega-project law and regulations
3. **Extended networking opportunities** – The leading Mozambique event where global experts and regional leaders meet to discuss the latest coal mining projects, infrastructure developments, transport logistics and innovations, considerations for infrastructure financing and the new Mining Law and policies affecting the region

Associate Sponsors:



Exhibitors:

Lanyard sponsor:

Media partners:



Don't miss out, Register Today: www.coalproductionmoz.com

Post Conference Masterclass: Wednesday 19 September 2012

The new mining law – A legal framework to doing business in Mozambique

This masterclass is designed to introduce you to the basic fundamentals and new updates to the legal framework for mining in Mozambique and addresses the following:

- **Mining** – the different mining titles, how they are granted and the related reporting obligations, including prospective changes in the Mining Law
- **Environment** – the different levels of compliance as they relate to different levels of activity
- **Tax** – review of mining specific taxes (surface tax and royalties), the general tax regime and the use of bilateral treaties against double taxation
- **Land** – the need to acquire land rights before mining activity can start
- **Labour** – general introduction with a focus on special, more favourable rules for the employment of foreign skilled labour
- **PPP (Mega Projects Law)** – How does this relatively new law and its regulations affect mining investment
- **Foreign Exchange** – highlights of the foreign exchange law, including rules on remittance of sale proceeds and repatriation of profits



Samuel Levy, Senior Partner, SAL & Caldeira Advogados, Lda

About your workshop leader:

Samuel Levy handles SAL & Caldeira's clients in relation to oil & gas and mining, among other matters. He has advised clients in respect of most of the recent mining contracts signed with the Government of Mozambique. He is also involved in legal reform in the sector, having participated in the drafting of regulations relating to installation licensing, environmental licensing, special labor regulations, special regulations for foreign labor and the mega projects law. Mr. Levy helped found both the Mozambican Association of International Petroleum Operators (AMOP) and the Chamber of Mines of Mozambique (CMM). He is admitted to practice in both Mozambique and New York."

DOWNLOAD CENTRE

Keep abreast of all the latest industry developments in the lead up to the conference.

Join our global series speakers online for:

- interviews
- podcasts
- white papers
- and much more...

www.coalproductionmoz.com



Join our Coal Mozambique LinkedIn group

Stay up-to date with industry and conference developments by joining our Coal Mozambique community.

See www.coalproductionmoz.com for further details.

What IQPC's global attendees say about our mining series

"Highly recommended if you need an informative, high level snapshot of the extractive coal game in Mozambique"
Senior Advisor External Relations, Rio Tinto

"A good networking opportunity with current role players in the industry"
Group Marketing Manager, Set Point

"Very good well organised"
General Manager Surface Mining, Sandvik Mining and Construction

"Very informative – good networking opportunity"
Senior Consultant, Hatch Associates

"Excellent presentations and knowledge"
Engineering Manager, BHP Billiton

"Well presented technical information"
Technical Planning Manager, Impala Platinum

"Highly informative sessions and an eye opener in some cases"
Management Consultant, Hatch

Register your conference ticket online at
www.coalproductionmoz.com

Media Partners:

